

AS CONCEPÇÕES SOBRE A AVALIAÇÃO NAS ESCOLAS DE UBÁ-MG



SILVA, Beatriz Carneiro Cardoso;
ARAÚJO, Ludmilla Carneiro - ORIENTADORA.



PEDAGOGIA

INTRODUÇÃO

Quando se ouve falar em avaliação, logo se imagina uma escola, provas, indicadores de desempenho e outros temas controversos que transpõem o meio educacional. Contudo, o termo avaliação é algo que vai muito além deste meio, sendo elemento da própria condição humana. Os seres humanos tendem a avaliar tudo ao seu redor, seja a própria imagem no espelho, a roupa que devem utilizar para ir a determinado lugar, dentre outras coisas. No entanto, para este trabalho, iremos abordar a avaliação relacionada à educação escolar.

O termo avaliação da aprendizagem é muito novo, uma vez que o termo utilizado até pouco tempo era o chamado “exame”. A ideia presente no termo “avaliação” é relacionado ao objetivo de diagnosticar a aprendizagem do aluno, analisando o erro como o ponto de partida para o professor fornecer meios que o ajudem a melhorar o seu desempenho. Já o “exame” pretende dar uma pontuação ao aluno e classificar sua nota como boa ou ruim, ou seja, se o aluno obtiver uma nota ruim no exame já é desclassificado, sem levar em consideração o que o erro daquele aluno quer dizer em relação à sua aprendizagem.

Apesar de se utilizar o termo “avaliação da aprendizagem” na maioria das escolas, a ideia de “exames escolares” ainda é muito presente, pois os sistemas de ensino estão interessados nos percentuais de aprovação e não se realmente houve absorção do conteúdo. Segundo Freitas et al (2014, p. 04), a prática avaliativa se funda no contexto escolar e ainda hoje em muitas escolas suas formas de uso se baseiam em concepções pedagógicas tradicionais. Dentro de uma visão tradicional a avaliação é usada como instrumento de controle, de medida, de comparação e de classificação.

Independente de qual for o conceito utilizado para o tema avaliação, ainda sim é discutível. As teorias propostas sobre avaliação cresceram bastante, mas a prática em si ainda está impregnada de vestígios de uma avaliação mensuradora e autoritária, que são os chamados exames escolares. Deste modo, o meio educacional encontra grande dificuldade em superar os erros e práticas do passado e construir um novo conceito e prática para a avaliação.

Partindo desta explanação, este trabalho levanta o seguinte problema: Quais são as diferentes visões sobre avaliação escolar nas escolas de Ubá – MG?

O presente trabalho tem por objetivo analisar as diferentes percepções das professoras sobre as práticas avaliativas realizadas nas escolas de Ubá – MG.

Para obter respostas relevantes acerca da temática analisada, foram enviados 20 questionários para professoras das redes pública e privada da cidade de Ubá, MG, que lecionam em salas de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, com questões abertas acerca da opinião delas em relação às avaliações educacionais presentes nas escolas em que lecionam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram coletados por meio de questionários aberto com 9 perguntas, enviados para 20 professoras do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) das redes municipal, estadual e particular da cidade de Ubá-MG. Dos 20 questionários enviados, foram devolvidos apenas 10 respondidos.

Uma das perguntas feitas foi “Como são chamadas as práticas avaliativas na escola em que trabalha?” – três professoras responderam que as práticas avaliativas são: Testes, provas, trabalhos, ditados e simulados. Somente uma professora respondeu que as práticas avaliativas são divididas em duas etapas, denominadas de diagnóstica e formativa. Já outras professoras consideram as práticas avaliativas como: Portfólios, relatório individual, avaliação contínua, somativa, controladora, processual e autoavaliação. Percebe-se, portanto, que existem vários termos e concepções sobre o que é avaliação para as diferentes professoras. As três responderam “testes, provas, ditados e simulados” se encontram no grupo que permanece utilizando concepções mais arcaicas de avaliação focada em resultados. A palavra “teste”, de acordo com um dicionário online, significa “prova para avaliação do saber ou da inteligência. Exame.” Dessa forma, a palavra teste está associada à palavra exame, e segundo Fernandes (2009, p.113) “os exames assumem uma função marcadamente seletiva que, eventualmente, poderá atenuar-se ou mesmo desaparecer se o sistema se tornar mais equilibrado e mais aberto”. Entretanto, a função de reconhecimento das aprendizagens dos alunos ganharia maior importância do que a função seleção.

Outra pergunta foi “Em sua opinião, as avaliações beneficiam os educandos? Se sim, de que forma?” A maioria afirma que de alguma forma a avaliação beneficia os educandos, pois através dela o professor tem condições de perceber o que o aluno precisa melhorar, desde que seja a avaliação diagnóstica, não sendo classificatória. Quando é usada para analisar o processo de ensino aprendizagem, ela auxilia o trabalho do professor no intuito de melhorar a qualidade dos conteúdos aplicados. Outras dizem que depende, pois tem alunos que estudam muito porque serão avaliados, mas também existem aqueles alunos que vão mal às avaliações, porém são bons alunos.

Essas percepções das professoras mostram que, apesar de algumas delas usarem a avaliação tradicional, elas acreditam no benefício de se utilizar avaliações formativas e diagnósticas para auxiliarem de fato os alunos.

Quando indagadas sobre o significado da nota do aluno para elas, a maioria diz que a nota obtida pelo aluno na avaliação nem sempre pode representar se ele aprendeu. Uma série de fatores pode interferir na hora da avaliação que está sendo aplicada, seja ela qual for. Uma professora afirma que a nota do aluno não tem muito peso, sendo melhor levar em consideração o desenvolvimento integral do aluno e não somente o que ele apresenta numa avaliação escrita. A nota é apenas um meio de classificar o aluno diante do sistema. Outras já dizem que representa o quanto de conhecimento foi transferido para o aluno.

Sendo assim, percebe-se que as professoras compreendem as falhas das avaliações presentes nos cotidianos escolares, mas possuem dificuldades em avaliar de forma distinta devido a diversos fatores, até mesmo burocráticos em que elas precisam preencher, como por exemplo, diários de classe, etc. Nesse caso, o professor não tem total liberdade em trabalhar como deseja, pois tem que seguir as regras predeterminadas do sistema.

CONCLUSÃO

Conforme observado, mesmo que o tema avaliação seja tratado por diversas abordagens, essas se instituem em um único contexto, determinando a vastidão do tema avaliação. É notório a complexidade que o tema traz, contudo, também é evidente sua relevância para que se obtenha uma educação de qualidade.

Constatou-se que a avaliação escolar tem que ser entendida de uma maneira mais ampla, pois ela é parte importante do processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, o professor deve acompanhar o aluno em sua trajetória, verificando se está havendo absorção do conhecimento e, quando necessário, analisar o erro como o ponto de partida para fornecer meios que o ajudem a melhorar o seu desempenho.

Diante da pesquisa, percebeu-se que muitas professoras ainda utilizam a avaliação tradicional, em alguns casos, devido ao sistema que as obriga a usar as notas como forma de classificação dos estudantes. No entanto, percebeu-se também que, apesar disso, muitas professoras estão cientes da real função da avaliação e podem, mesmo que sem o apoio do sistema, utilizar as funções diagnóstica e formativa das avaliações.

Conclui-se que há uma necessidade de pensar em uma nova forma de avaliação, na qual prevalece a função diagnóstica e de tomada de decisão em favor de um aprendizado significativo, consistente e autônomo, em detrimento da classificação e estagnação.

REFERÊNCIAS

- BLOOM, Benjamim S. et. al. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1983
- CHUEIRI, Mary Stela F. **Concepções sobre a avaliação escolar**. *Estudos em avaliação educacional*, Minas Gerais, v.19, n.39, jan./abr. 2008.
- ESTEBAN, Maria Teresa, 2002, “**Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**”, DP&A, 4 ed. - Rio de Janeiro.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo, Cortez, 1998, 7ª edição.